

16/12/2020 16:46:05 - RACHEL ANDALAFT

RACHEL ANDALAFT: TRANSAÇÕES EM ENERGIA RENOVÁVEL ACELERAM NA ONDA DA AGENDA CLIMÁTICA PÓS-COVID



"Nada é mais poderoso do que uma ideia que encontrou o seu momento". A frase de Victor Hugo não poderia ser mais atual. Conforme a humanidade se despede de um ano que ficará na história, algumas lições podem ser extraídas do experimento coletivo no enfrentamento de uma pandemia: o quanto estamos expostos, a nossa dificuldade de coordenação diante de uma ameaça global e o quanto medidas mitigatórias são importantes. A pandemia veio, por assim dizer, acelerar nosso combate à mudança climática. No quinto ano de aniversário do Acordo de Paris, seus signatários se veem compelidos a fazer mais, ainda que com menos.

Conforme os países anunciam as suas novas metas, selam, indiretamente, a forma como conduzirão suas respectivas retomadas econômicas. Para alguns, isso implica no abandono da exploração de novos poços de petróleo, a exemplo da Noruega. Para outros, uma alteração no design de suas políticas públicas.

O movimento dos países nórdicos perpassa os investimentos da empresa dinamarquesa Vestas, maior fabricante mundial de turbinas eólicas no mundo. Ela planeja investir de 1 a 6 milhões de euros em startups de energia limpa a partir da criação de um setor de capital de risco exclusivamente para atender tais pretensões. A segurança em iniciar tal projeto advém de uma experiência anterior, quando a Vestas investiu 10 milhões de euros na startup sueca de fabricação de baterias, NorthVolt. Os investimentos serão dispersos em quatro setores de energia limpa, incluindo o de armazenamento de longa duração. O objetivo é somente incentivar o amadurecimento de ideias promissoras na transição energética.

Aceleração

Não é de hoje que as empresas perceberam o esgotamento dos modelos corporativos vigentes. Carentes de ideias disruptivas, empresas bem capitalizadas se juntaram a startups promissoras mas com dificuldades de financiamento.

Isso é observável não só em atividades nas quais essas empresas se sentem mais vulneráveis, a exemplo das empresas de Petróleo e Gás, mas também em outras áreas e nichos dentro do mesmo setor, a exemplo dos fundos de venture capital criados pela própria cadeia de fornecedores de energia renovável.

A americana Form Energy, startup de armazenamento de energia de longa duração, mostra como isso ocorre na prática. Recentemente, ela conseguiu captar quatro novos investidores para sua rodada série C, que totalizou US\$ 76 milhões. Somado às rodadas anteriores, seus fundos totais arrecadaram cerca de US\$ 120 milhões - mesmo que ainda falem alguns anos para a implementação comercial de sua nova tecnologia. A empresa entrou em cena em 2018 e se firmou neste nicho atraindo, por meio de suas ideias e diretrizes mercadológicas, o investimento das supracitadas empresas bem capitalizadas.

Se antes havia um foco maior nas limitações físicas das redes abastecidas por energia limpa, a pandemia trouxe outras questões à mesa, notadamente a digitalização e a importância dos serviços dentro desse ecossistema, aumentando o leque de oportunidades e resultando em soluções mais integradas.

A startup Aurora é um exemplo de readaptação: a fornecedora de software solar, mesmo durante a pandemia, conseguiu cerca de US\$ 50 milhões em sua última rodada de financiamento. Empresas como SunPower e VivantSolar, consolidadas no ramo de energia solar, utilizam o software da startup, sobretudo em tempos de trabalho remoto.

Ativos Verdes

O funding para infraestrutura sempre foi necessariamente em dólar, expondo países mais frágeis aos efeitos da política monetária norte-americana. A China percebeu isso muito bem e explorou como ninguém a ponte entre a sua enorme capacidade industrial e as deficiências estruturais enfrentadas por muitas nações emergentes.

O Brasil está na lista de países com os quais a China implementa parte de seus importantes projetos, principalmente no que diz respeito às energias renováveis. Tanto é que o fundo de investimentos Rubicon receberá um aporte de US\$ 200 milhões do China Development Integration Limited (CDIL). A finalidade consiste em encontrar oportunidades para a empresa chinesa em diferentes setores. O fundo possui 20 ativos em análise, entre eles campos de óleo e gás da petroleira 3R, mineração e ativos de infraestrutura e energia renovável.

Apesar da resistência política no campo ambiental, os agentes financeiros se desdobram para viabilizar novas operações com instrumentos de dívida "verdes".

Exemplificando um futuro promissor: o Banco BTG, em sua primeira emissão verde, captou R\$ 50 milhões. O sucesso nesta transição se deve ao desenvolvimento de uma estrutura adequada para esse tipo específico de dívida. Investidores de outros países enxergam a iniciativa do BTG como uma sinalização positiva sobre o potencial verde do Brasil.

Já a empresa francesa Total Eren, no final de novembro, financiou R\$ 423 milhões com BNB para a construção de parques eólicos no Brasil. Do montante, cerca de R\$ 241 milhões serão designados a um projeto de 92,2 MW de capacidade instalada, e R\$ 82 milhões serão destinados a um projeto de 67,5 MW. Ambos serão construídos no Rio Grande do Norte.

Tantos exemplos nos mostram que, se a pandemia nos fez focar no essencial, a geração de energia limpa é essencialíssima. O prognóstico para 2021 se mantém promissor para o setor globalmente e espera-se que o ano traga um recorde em demanda por energia solar. No Brasil, dos 6 leilões de expansão agendados pelo MME para os próximos três anos, os dois primeiros em 2021 serão dedicados às renováveis. Tudo indica que essa tendência também veio para ficar por aqui.

** Rachel Andalaft é CEO da plataforma Mangifera Analytics e sócia-fundadora da REA Consult, empresa internacional de viabilização de investimentos e gestão de transações em energia renovável. Ela escreve mensalmente no **Broadcast Energia**. Esse artigo representa exclusivamente a visão da autora.*

Esse artigo representa exclusivamente a visão da autora.